



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal

Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Volume 12, article nº 07, January/March 2026

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v12a07>

Accepted: 20/09/2025 Published: 30/11/2025

AUTISM IN ADOLESCENCE: TRANSFORMATIONS, CHALLENGES AND COMPLEXITIES IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

AUTISMO NA ADOLESCÊNCIA: TRANSFORMAÇÕES, DESAFIOS E COMPLEXIDADES NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Rafaela Batista Carvalho de Pina (UENF) ¹ , João Carlos de Aquino Almeida (UENF) ² .

Abstract - This study aims to discuss the complexity of the challenges faced by students with autism during adolescence and the impact of these experiences on their identity construction in the educational context. Autism, also known as Autism Spectrum Disorder (ASD), is a neurodevelopmental disorder that affects social communication, interaction, and behavior. It is characterized by difficulties in verbal and non-verbal communication, challenges in social interaction, and repetitive or restricted patterns of behavior. This study employs a qualitative research methodology, based on a review of national and international literature addressing autism, adolescence, ableism, and education. It presents a discussion on adolescence as a crucial phase of human development, marked by numerous physical, hormonal, and emotional transformations. During this period of intense changes marking the transition from childhood to adulthood, coping with these transformations becomes particularly challenging. In this context, the study highlights how this phase is even more complex for adolescents with autism. While experiencing the profound transformations of this developmental stage, they must also navigate multiple challenges arising from the stigma associated with disability. The study concludes that these challenges are (re)produced in the educational environment and must, therefore, be made visible and discussed to ensure that these adolescents receive an education that values and respects their uniqueness.

Keywords: Autism; Adolescence; Ableism; Education.

Resumo - O presente trabalho visa discutir a complexidade dos desafios que os alunos com autismo experimentam durante a adolescência e os impactos desses atravessamentos na construção de sua identidade no contexto educacional. O Autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma alteração do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social, a interação e o comportamento. Caracteriza-se por dificuldades na comunicação verbal e não verbal, interação social limitada e padrões de comportamento repetitivos ou restritos. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, com base na revisão de literatura de artigos nacionais e internacionais, e que tratam sobre os temas autismo, adolescência, capacitismo e escola. O trabalho apresenta uma discussão sobre a adolescência como uma importante fase do desenvolvimento humano, caracterizada por inúmeras transformações físicas, hormonais e emocionais, e como, nesse período, de intensas alterações que marcam a transição da infância para a vida adulta, torna-se extremamente desafiador lidar com essas mudanças. Consoante a esse cenário, o trabalho destaca como essa fase apresenta uma complexidade ainda maior, para os adolescentes com Autismo, pois ao mesmo tempo em que se deparam com as profundas transformações dessa fase do desenvolvimento, ainda precisam lidar com os múltiplos

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem - UENF

²Mestre e Doutor em Ciências Biológicas (Biofísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Professor - UENF

enfrentamentos decorrentes do estigma em virtude de serem pessoas atravessadas pela experiência da deficiência. E por fim, a conclusão de que esses enfrentamentos são (re)produzidos também no ambiente educacional e que, por isso precisam ser visibilizados e discutidos a fim de que seja garantido a esses adolescentes uma educação que valorize e respeite sua singularidade.

Palavras-chave: Autismo; Adolescência; Deficiência; Educação.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por transformações biológicas, emocionais e sociais. Para adolescentes com autismo, esses desafios são frequentemente intensificados por barreiras impostas pela sociedade contemporânea, que enfatiza e (re)produz práticas discriminatórias. O sistema escolar, como reflexo dessa sociedade, pode se tornar um ambiente hostil, dificultando mecanismos de inclusão e, por conseguinte, o desenvolvimento das potencialidades desses jovens.

Os adolescentes com autismo enfrentam inúmeros desafios, como os relacionados à comunicação, à interação social e à sensibilidade sensorial, sendo essas demandas muitas vezes negligenciadas pela escola. Não considerar as necessidades específicas desses alunos, é reforçar um ambiente capacitista de aprendizagem, cujo enfoque não se alicerça na pluralidade dos educandos, mas na valoração de modos padronizados de desempenho e existência. Esse mecanismo de exclusão também se mostra fomentado pela escassez de recursos e investimentos em ações educativas. Cursos de capacitação, redes de apoio, adaptações curriculares, assim como a formação adequada de professores e demais funcionários na comunidade escolar são essenciais com vistas à uma verdadeira mudança de paradigma. A construção da autoestima e identidade dos adolescentes com autismo passa por processos intrínsecos ao desenvolvimento da própria adolescência, sendo imprescindível a perspectiva de uma educação que compreenda, respeite e promova a diversidade.

1 Adolescência: Transformações Biológicas e Psicológicas

A adolescência é um período marcado por intensas mudanças físicas e emocionais, pela busca do reconhecimento pelos pares e pela evidenciação de pressões sociais. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001) sobre essa importante fase do desenvolvimento humano, a Psicologia, como área de estudo que se aplica à compreensão dos aspectos físico motor, intelectual, afetivo-emocional e social corrobora que, desde o nascimento até a idade adulta, cada pessoa alcança o seu mais completo grau de maturidade e estabilidade, e os fatores de hereditariedade, crescimento orgânico e maturação neurofisiológica influenciam diretamente cada etapa do desenvolvimento.

Durante a adolescência, os jovens enfrentam desafios significativos, como a formação de sua identidade e a experimentação de relações complexas. Teorias na área da Psicologia e Epistemologia genética sugerem que o desenvolvimento cognitivo e social fazem parte de um processo iterativo, de bases não somente genéticas mas também ambientais, onde os jovens constroem suas capacidades através da interação com o ambiente e com os outros (Costa, 2000).

À luz desses aspectos, o psicólogo e biólogo suíço, Jean Piaget, (1896-1980), um dos principais teóricos do desenvolvimento humano, propôs por meio de uma abordagem interdisciplinar os preceitos da Epistemologia Genética, que tem como base o estudo da gênese psicológica do pensamento humano. De acordo com sua premissa, o desenvolvimento cognitivo ocorre em projetos sequenciais, cada um representando um avanço significativo nas capacidades de pensamento e aprendizado do indivíduo. As contribuições de cada fase são cruciais para a formação das estruturas cognitivas que

sustentam a maneira como são elaborados os mecanismos de interação e compreensão do mundo (La Taille; Oliveira; Dantas, 2019).

A teoria piagetiana considera o desenvolvimento concatenado aos aspectos mental e orgânico, sendo o primeiro uma construção contínua, em virtude do aparecimento gradativo de estruturas mentais, que vão se aperfeiçoando e se consolidando, até o momento em que totalmente desenvolvidas, representarão um estado de equilíbrio superior sobre os aspectos da inteligência, da afetividade e das relações sociais (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

De acordo com Piaget, o desenvolvimento humano organiza-se em etapas e apresenta características bem definidas. O período sensorio motor: do nascimento até os 2 anos; pré-operacional: entre os 2 e os 7 anos; operacional concreto: entre os 7 e os 12 anos e o das operações formais: a partir dos 12 anos. Sua tese é de que a passagem de uma etapa para outra é permeada pelos processos de assimilação (quando o indivíduo integra novas informações em seus esquemas mentais já existentes), de acomodação (processo pelo qual o indivíduo ajusta ou modifica seus esquemas mentais para lidar com informações novas ou experiências que não se enquadram em seus conceitos anteriores) e de adaptação (processo contínuo de ajuste dos esquemas cognitivos para equilibrar novas informações com os esquemas anteriores), permitindo assim o aprimoramento e amplificação do conhecimento (Schirmann et al., 2019).

Dos períodos apresentados, o último, das operações formais, corresponde ao período da adolescência, e se estende até a vida adulta. Nessa fase ocorre a transição para o pensamento formal, abstrato, onde o adolescente passa a realizar suas operações no plano das ideias, sem necessitar de referências concretas, como no período anterior. Ele já consegue estabelecer um pensamento reflexivo e elaborar hipóteses, o que representa um aspecto muito significativo, pois permite ao adolescente a interpretação da realidade por meio da experiência, mas também através do imaterial e do campo subjetivo. Essas capacidades cognitivas são essenciais para a integração dos adolescentes na sociedade e na vida adulta, quando precisarão lidar com questões éticas e morais complexas (Silva; Viana; Carneiro, 2013).

Outra importante contribuição sobre os aspectos do desenvolvimento humano advém de Lev Semionovitch Vygotsky, importante psicólogo bielorusso proponente da psicologia histórico-cultural. Para além do biológico, o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e das condições de vida em que estão inseridas. Esse conceito até então pioneiro na época, direciona para as experiências sociais e culturais o foco do desenvolvimento das habilidades humanas, a partir da perspectiva de uma psicologia cultural, histórica e instrumental, referente à natureza mediada de todas as funções psicológicas complexas (Leontiev; Luria; Vygotsky, 1985).

Nas relações sociais, é possível observar que o adolescente passa por um processo inicial de interiorização, que pode até no princípio ser identificado como antissocial. Ele se afasta da família, não aceita conselhos dos adultos; contudo, na realidade, o ponto chave de sua reflexão é a sociedade. Depois, ele atinge o equilíbrio entre pensamento e realidade, quando compreende a importância da reflexão para a sua ação sobre o mundo real. No aspecto da afetividade, o adolescente vive conflitos, porque almeja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele. Deseja ser aceito pelos amigos e pelos adultos.

O grupo de amigos é um importante referencial, determinando palavras, vestimentas e outros aspectos de seu comportamento. Ele começa a estabelecer sua moral individual, que é referencial à moral do grupo (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

Consoante Bernardes (2011), na concepção vygotskyana a interação social desempenha um papel construtivo determinante no desenvolvimento. Categorias de funções mentais superiores como atenção voluntária, pensamento verbal e conceptual, emoções complexas dentre outras, não poderiam se estabelecer sem a contribuição das interações sociais. Suas pesquisas apontam que embora fun-

damental, a hereditariedade não é requisito suficiente para determinar os caminhos de aprendizagem de uma pessoa sem considerar a natureza de sociabilidade do homem, os elementos de interação social, as representações de signo e instrumento, cultura e história como imprescindíveis para as funções mentais superiores e para os processos metacognitivos.

A importância da dinâmica do processo de desenvolvimento não mais fundamentado nos resultados já obtidos mas no aproveitamento da aprendizagem em um aspecto colaborativo como uma construção comum e coletiva. Segundo ele, os indivíduos aprendem com a orientação de outros mais experientes, internalizando importantes ferramentas culturais e linguísticas. Nesse sentido, também destaca o valor heurístico da zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1987).

Durante a adolescência, essa interação social se torna crucial, pois os jovens aprendem a conectar significados e a construir suas identidades por meio das relações em sociedade. Vygotsky destaca a importância da linguagem como ferramenta cognitiva, permitindo que os adolescentes expressem suas ideias e pensamentos de forma mais complexa e articulada. A linguagem não apenas facilita a comunicação, mas também serve como um instrumento para o desenvolvimento de conceitos abstratos e para a resolução de problemas sociais e morais (Palangana, 2015).

Para Costa (2000), a adolescência é um período de plena interação entre os elementos biológicos e sociais que se ressignificam pela cultura e pelas representações de um grupo, promovendo nas sociedades complexas o pertencimento a uma classe social, suplantando assim uma possível dicotomia entre esses dois princípios. Nesse constructo, tanto Piaget, ao destacar a ocorrência do desenvolvimento cognitivo em estágios distintos e a importância da assimilação e acomodação na construção e reorganização dos esquemas mentais, quanto Vygotsky, na ênfase de sua teoria sociocultural no desenvolvimento dessas capacidades, convergem para o sentido de que entre o biológico e o social existe uma inclinação natural de diálogo pela qual direciona o desenvolvimento do sujeito na dinâmica do orgânico e do cultural, do que é inato e do que é historicamente construído e mediado.

No contexto dos adolescentes com Autismo, essa relação entre os fatores biológicos e sociais perpassa uma maior complexidade, em virtude das características do espectro, que influenciam no modo como são desenvolvidas as habilidades de comunicação, comportamento e interação, com o mundo e com o outro.

2 Autismo e adolescência: os desafios e experiências

Segundo Bagarollo e Panhoca (2010), o desenvolvimento humano decorre das relações sociais que são mediadas, vivenciadas e internalizadas por cada vida, e são por isso determinantes na constituição das experiências. Diante desse cenário, os indivíduos com Autismo podem sofrer impacto na vida social e cultural, em virtude de dificuldades nas habilidades relacionadas à comunicação verbal e não verbal, interação social, comportamentos e interesses restritos.

Cohen et al. (2022), ressalta que os desafios intrínsecos do autismo se somam aos desafios típicos da adolescência, e reforçam a importância de uma maior compreensão dos impactos desses enfrentamentos, bem como aos aspectos desses elementos de complexidade. Nesse sentido, Gusmão (2023) enfatiza a necessidade de estimular o treino de habilidades sociais em indivíduos com autismo, evidenciando que essas intervenções devem ocorrer não somente no ambiente clínico e familiar mas também, no ambiente escolar.

De acordo com Zanetti e Quaresma, (2020), o autismo se expressa em diferentes níveis e intensidades, em que cada indivíduo se manifesta de maneira única e singular, de acordo com diferentes níveis de funcionamento, e em uma complexidade e diversidade de comportamentos. Segundo o (DSM-5-TR) em texto revisado (American Psychiatric Association, 2023), o espectro autista é dividido em nível 1:

quando se requisita pouco suporte, nível 2: requisita moderado suporte no apoio de suas necessidades e o nível 3: quando solicita muito suporte em suas atividades diárias.

Embora o marco para diagnóstico ocorra nos três primeiros anos de vida, o Autismo é considerado uma condição vitalícia e que por isso, acompanha toda a vida do indivíduo, e ultrapassa a ideia de um distúrbio do desenvolvimento para uma percepção mais ampla como uma manifestação única de neurodiversidade (Happé; Frith, 2020).

Segundo Bock (2007), a adolescência é conjecturada como um momento difícil, semi-patológico, carregado de conflitos "naturais", em que o adolescente sofre com a pressão exercida pela sociedade atual. Os hormônios e o desabrochar da sexualidade genital são fatores responsáveis pelo aparecimento da sintomatologia da adolescência normal. O desenvolvimento do córtex pré-frontal, responsável pelo raciocínio e controle emocional, trazem novos desafios. Segundo a autora, a adolescência é também considerada social e histórica, em virtude do tempo, da formação social e suas possibilidades de expressão.

Mediante esse cenário, um grande desafio pode ser o modo como adolescentes com TEA lidam com as mudanças corporais e sensoriais típicas da puberdade. Para muitos, essas alterações podem ser avassaladoras, especialmente se eles apresentarem sensibilidades sensoriais, comuns em pessoas no espectro.

Segundo Grandin (2015), psicóloga e zootecnista estadunidense, diagnosticada com Autismo, essas transformações podem ser fonte de extremo desconforto e aumento da ansiedade, podendo ser totalmente debilitante para alguns e moderada para outros, dependendo da intensidade dessas manifestações.

Zanetti e Quaresma (2020) reafirmam que pessoas com autismo precisam de esforço contínuo para o diálogo. Nesse período, vivem experiências socioculturais significativas e a transição do corpo da infância para o corpo adulto pode impactar profundamente o seu comportamento e suas relações interpessoais.

O êxito nessas situações dependerá do meio em que o adolescente está inserido, da qualidade de suporte e apoio recebido em prol do manejo dessas dificuldades. Nesse contexto, Cohen et al. (2022), assevera que essa perspectiva de complexidade torna a construção da identidade, um aspecto central da adolescência, um processo especialmente difícil, porque necessitam diariamente de suporte e auxílio para lidar com tais enfrentamentos.

Na concepção de Aberastury, Knobel e Dergan (1984), a adolescência consiste em uma fase que envolve o desenvolvimento da autonomia, a busca por pertencimento e a necessidade de definir as aspirações e modelos de vida. A percepção ideológica no adolescente ainda não está definida, pois ele se encontra nesse processo de construção sobre quem é e o que quer fazer no mundo.

Os adolescentes neurotípicos têm como base para a construção de sua identidade a interação com os pares e o reconhecimento social. Essa modelagem, todavia, não ocorre em adolescentes com Autismo, em virtude das dificuldades em interpretar e participar de dinâmicas sociais, o que os coloca em uma posição de maior vulnerabilidade quanto ao respeito e pertencimento no ambiente escolar (Hervas, 2016).

Os adolescentes com TEA apresentam dificuldades em interpretar pistas sociais, compreender expectativas implícitas ou estabelecer vínculos interpessoais. Assim, as demandas comunicativas e interacionais podem torná-los mais vulneráveis a sentimentos de exclusão e incompreensão por parte de seus pares. Podem ainda apresentar dificuldades em estabelecer ou manter conexões, o que pode levar ao isolamento social. Sintomas de depressão e ansiedade podem surgir em adolescentes com nível 1 e 2 de suporte, ao tomarem consciência de suas dificuldades em estabelecer vínculos, o que agrava ainda mais sua sensação de exclusão e marginalização (Klin, 2006).

Turnock, Langley e Jones (2022) reforçam essa ideia ao considerar a adolescência uma fase em

que se busca respostas sobre a autopercepção e autoimagem. Esse conhecimento sobre "quem sou eu?" pode ser extremamente difícil, pois a sociedade incute uma cultura de diferença como marcador de inferioridade. As normas sociais implícitas também são um aspecto desafiador para adolescentes com TEA. Eles podem ter dificuldades em compreender o que é socialmente esperado em diferentes contextos, o que pode resultar em comportamentos que os afastem dos outros.

A necessidade de lidar com essas regras pode gerar culpa e frustração, e também sentimentos de inadequação e dificuldades na percepção sobre si mesmos. Essa estigmatização, percebida no comportamento, nas conexões sociais e nas respostas emocionais, deriva da detecção e rotulagem culturalmente orientadas de uma diferença, na ideia de uma visão rotulada de ser, que pode afetar sua saúde mental e sua autoestima.

Nesse complexo e delicado período de formação de identidade, quando o indivíduo busca seu lugar no mundo, a escola se constitui como um ambiente de aprendizagem, propício à construção de vivências e significados.

A vida do adolescente com Autismo é frequentemente marcada pela relação com o diagnóstico, pela maneira como é percebido pelos pares e pela própria maneira como internaliza as expectativas e a pressão da sociedade. Por isso a importância da escola, como esse lugar de emancipação e respeito à diversidade (Hervas, 2016).

Por isso, de acordo com Oliveira e Schmidt (2023), os adolescentes com TEA frequentemente enfrentam dificuldades em relação a normas sociais implícitas nas dinâmicas grupais, o que pode levar ao isolamento e à exclusão social. Como consequência, situações envolvendo bullying podem se tornar recorrentes, o que indica o atravessamento por parte desses jovens por mecanismos de discriminação e que afetam diretamente sua autoestima e bem-estar.

A pressão para se conformar aos padrões sociais pode gerar um impacto negativo na construção da sua identidade. Por isso, apreender sobre a complexidade concernente a essa etapa do desenvolvimento é essencial para que pais, profissionais de saúde e também educadores possam romper com mecanismos de discriminação, apoiando assim o desenvolvimento dessas vidas em uma perspectiva justa e inclusiva.

3 Práticas emancipatórias na escola: uma educação anticapacitista

A escola se configura como um espaço de relevância crucial para a construção de identidades. As dificuldades nas interações sociais, nas habilidades de comunicação e comportamento podem afetar diretamente os adolescentes com Autismo e provocar uma experiência de exclusão dentro de um espaço que deveria desenvolver o respeito e a equidade (Ferreira; Gesser; Böck, 2024).

Segundo a literatura, a discriminação designada as pessoas com deficiência é conhecida como capacitismo (Campbell, 2009; Ivanovich; Gesser, 2020). Em um contexto histórico, trata-se de uma concepção que tem raízes a partir do ideário eugenista, ao defender um padrão normativo ou ideal de humanidade.

A eugenia e o capacitismo são movimentos relacionados, de natureza estrutural e estruturante e que se manifestam nas diferentes instâncias da sociedade, e por isso, também no ambiente educacional. A eugenia refere-se a práticas veladas que, ao valorizar a norma corporal e cognitiva, perpetuam a exclusão de pessoas com deficiência, reforçando padrões e preconceitos (Campbell, 2009; Souza Lima, 2021). O capacitismo por sua vez, configura-se como um conjunto de crenças e práticas que provocam opressão às pessoas com deficiência, por considerá-las excluídas de um ideal de corponormatividade.

O capacitismo é uma forma de discriminação que privilegia corpos e mentes considerados dentro de um processo de normatização e homogeneização, em detrimento da diversidade funcional (Diniz, 2007; Silva; Gesser; Nuernberg, 2019). Em paralelo, a eugenia, mesmo em manifestações contemporâneas sutis, promove a ideia de que certos tipos de existência são menos desejáveis. Esses discursos perpetuam a marginalização de pessoas com Autismo e, também comprometem o direito à uma existência plena e dignificada.

No âmbito educacional, esse cenário atinge as vidas dos adolescentes com Autismo, impondo-lhes desafios que impactam profundamente a construção de suas identidades, a percepção sobre autoimagem, a consciência sobre si mesmo e sobre o outro, e também a busca pela relação com os pares e a valorização de sua subjetividade. Assim, o capacitismo se manifesta por meio de práticas que reforçam padrões normativos, expectativas de comportamento e desempenho típicos, que desconsideram as particularidades dessas vidas, o que pode resultar no sofrimento materializado em marginalização.

Segundo Cohen et al. (2022), a vida do adolescente com Autismo é frequentemente marcada pela relação com o diagnóstico, pela maneira como são percebidos pelos pares e pela própria maneira como internalizam as expectativas e a pressão da sociedade. Por isso a importância da escola, como esse lugar de emancipação e respeito à diversidade.

A mensagem implícita transmitida é que suas diferenças são consideradas defeitos a serem corrigidos, em vez de aspectos únicos de sua identidade. A compreensão do Autismo como uma característica, não como um defeito, deve ser amplamente difundida e se faz fundamental para o desenvolvimento da autoestima e do senso de pertencimento desses adolescentes na escola e na sociedade. Esse caminho de diálogo e reflexão pode e deve ser estimulado dentro da escola; seja durante as aulas, em projetos, campanhas educativas, atividades interdisciplinares, e em todas as oportunidades de convívio e aprendizagem coletiva, promovendo a escola como um ambiente que cultiva uma educação justa e cidadã. Freire (2014) considera a importância da escola nessa perspectiva no combate a modelos hegemônicos e assimetrias de poder.

CONCLUSÃO

A adolescência é um período complexo e desafiador para qualquer indivíduo, marcado por intensas transformações, físicas e sociais. Para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa fase apresenta desafios ainda mais significativos, pois as demandas sociais e emocionais frequentemente entram em conflito com as características inerentes ao Autismo. Adolescentes autistas enfrentam dificuldades em interpretar sinais sociais, compreender regras implícitas de convivência e situações de interação e comunicação.

Durante a adolescência, os adolescentes passam por transformações significativas no corpo e no cérebro. Mudanças hormonais influenciam a regulação emocional, o comportamento e a capacidade de tomada de decisão. Para os adolescentes com Autismo, essas mudanças passam a coexistir com características do espectro, como a sensibilidade sensorial e dificuldades de comunicação social. Essas alterações intensificam os desafios emocionais e comportamentais, podendo impactar a maneira como esses adolescentes processam as informações e interagem com o mundo ao seu redor.

No ambiente escolar, essas dificuldades são ainda mais evidentes, pois a escola representa um espaço onde as relações sociais são intensificadas, e o senso de pertencimento é frequentemente mediado pela habilidade de se adaptar aos padrões sociais estabelecidos. Os Adolescentes com TEA podem vivenciar situações de exclusão, bullying ou isolamento social, que impactam seu desenvolvimento escolar e emocional, por não conseguirem se encaixar nesses padrões, exigidos pela escola, e a priori pela própria sociedade.

Compreender os desafios específicos que esses adolescentes enfrentam na construção de suas identidades no ambiente escolar é essencial para a promoção de uma educação que valorize a participação de todas as vidas como pertencentes a uma existência dignificada. Para isso, faz-se imprescindível uma educação que combata modelos eugênicos e capacitistas.

Por isso, a inclusão de adolescentes com TEA requer uma abordagem multifacetada que busque se contrapor a esses modelos. Adaptações curriculares, capacitação docente e ambientes sensorialmente acolhedores devem ser priorizados. Políticas inclusivas também devem ir além da presença física de alunos com TEA na sala de aula, garantindo que suas necessidades realmente sejam atendidas e sua singularidade compreendida e respeitada.

Um trabalho de conscientização com os demais alunos e membros da comunidade escolar sobre Autismo, Inclusão e Deficiência é fundamental e deve ser realizado regularmente, a fim de promover maior conhecimento sobre o tema. Ademais, o fomento à autonomia e Identidade também se faz fundamental, pois reconhecer e garantir o protagonismo dos adolescentes com autismo fortalece sua identidade, principalmente nos espaços de convivência e de aprendizagem.

Enfrentar os desafios da adolescência com autismo em uma sociedade discriminatória exige transformações estruturais e culturais profundas. Ao combater a eugenia e o capacitismo na escola, é possível criar um ambiente em que adolescentes com autismo e também com outras deficiências se sintam valorizados e incluídos, promovendo sua autoestima. A verdadeira inclusão não deve apenas ser conjecturada como um ideal, mas como um compromisso coletivo e prático, que reconhece a diversidade humana como um valor essencial para que todas as vidas possam ter uma existência legítima, na manifestação de suas singularidades e no direito ao exercício de sua dignidade.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M.; DERGAN, J. **Adolescência normal**. [S. l.]: Artes Médicas, 1984.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. [S. l.]: Artmed, 2023.
- BAGAROLLO, M. F.; PANHOCA, I. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: Um olhar para as histórias de vida. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 16, p. 231–250, 2010.
- BERNARDES, M. E. M. Atividade educativa, pensamento e linguagem: Contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, p. 323–332, 2011.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 63–76, 2007.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. D. L. T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. [S. l.]: Saraiva, 2001.
- CAMPBELL, F. A. **Contours of ableism: The production of disability and abledness**. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2009.
- COHEN, S. R.; JOSEPH, K.; LEVINSON, S.; BLACHER, J.; EISENHOWER, A. “My autism is my own”: Autistic identity and intersectionality in the school context. **Autism in Adulthood**, v. 4, n. 4, p. 315–327, 2022.
- COSTA, M. I. M. Psicologia da adolescência: Contribuições para um estado da arte. **Interações**, n. 10, p. 25–51, 2000.
- DINIZ, D. **Deficiência, saúde pública e justiça social**. [S. l.]: Brasiliense, 2007.
- FERREIRA, S. D. M.; GESSER, M.; BÖCK, G. L. K. Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 105, e5821, 2024.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. [S. l.]: Paz e Terra, 2014.
- GRANDIN, T. **O cérebro autista: Pensando através do espectro**. [S. l.]: Record, 2015.
- GUSMÃO, T. B. **Ensino de habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista na adolescência e vida adulta: Uma revisão de estudos em análise do comportamento**. 2023. Trabalho de conclusão – PUC-SP. Disponível em: <https://repositoriodigital.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/39518/1/Thiago%20Barbosa%20Gusm%c3%a3o.pdf>.
- HAPPÉ, F.; FRITH, U. Annual research review: Looking back to look forward—Changes in the concept of autism and implications for future research. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 61, n. 3, p. 218–232, 2020.
- HERVAS, A. Un autismo, varios autismos: Variabilidad fenotípica en los trastornos del espectro autista. **Revista de Neurología**, v. 62, n. 1, p. 9–14, 2016. Disponível em: <https://www.neurologia.com/articulo/2016068>.

IVANOVICH, A. C. F.; GESSER, M. Deficiência e capacitismo: Correção de corpos e produção de assuntos (a) políticos. **Quaderns de Psicologia**, v. 22, n. 3, e1618, 2020.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: Uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, Suppl. 1, s3–s11, 2006.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. [S. l.]: Summus, 2019.

LEONTIEV, A.; LURIA, A.; VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. [S. l.]: Ícone, 1985.

OLIVEIRA, A. F. T. M.; SCHMIDT, C. Bullying e Transtorno do Espectro Autista (TEA): O que nos revelam as autobiografias? **Educação e Pesquisa**, v. 49, e251469, 2023.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: A relevância do social**. [S. l.]: Summus, 2015. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=BjPXCgAAQBAJ>.

SCHIRMANN, J. K.; MIRANDA, N. G.; GOMES, V. F.; ZARTH, E. L. F. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. *In*: ANAIS do VI Congresso Nacional de Educação. [S. l.: s. n.], 2019.

SILVA, P. S. M. da; VIANA, M. N.; CARNEIRO, S. N. V. O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 10, 2013.

SILVA, S. C. da; GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do transtorno do espectro autista. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 15, n. 2, p. 187–207, 2019.

SOUZA LIMA, A. L. de. Capacitismo e eugenia na educação brasileira: Uma reflexão a partir de aproximações epistemológicas. **Revista PHILIA – Filosofia, Literatura & Arte**, p. 2–20, 2021.

TURNOCK, A.; LANGLEY, K.; JONES, C. R. G. Understanding stigma in autism: A narrative review and theoretical model. **Autism in Adulthood**, v. 4, n. 1, p. 76–91, 2022. DOI: 10.1089/aut.2021.0005. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/aut.2021.0005>.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. [S. l.: s. n.], 1987. Disponível em:
https://estudosdotrabalho.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/vygotsky_pensamento-e-linguagem.pdf.

ZANETTI, E. B.; QUARESMA, D. R. Autismo na adolescência: Uma análise da produção científica brasileira. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 65, p. 10, 2020.